

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ADILSON COSTA DUARTE

BOM CRIOULO: A CONSTRUÇÃO DO PERSONAGEM NEGRO AMARO

CURITIBA

2015

ADILSON COSTA DUARTE

BOM CRIOULO: A CONSTRUÇÃO DO PERSONAGEM NEGRO AMARO

Trabalho apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de especialista do curso de Especialização em Educação das Relações Étnico-raciais, do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB), da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Ma. Tatiane Valéria R. de Carvalho

CURITIBA

2015

## **AGRADECIMENTOS**

À minha mãe, irmãos e companheiro que sempre tiveram ao meu lado me apoiando para o aprimoramento dos meus estudos.

À minha orientadora Tatiane Valéria R. de Carvalho pela paciência e ensinamentos para a concretização deste trabalho.

Aos professores convidados para participação da banca examinadora para avaliação da qualificação deste trabalho.

Ao corpo docente de professores que estiveram à frente desta especialização.

E a Deus, pela força celestial que me fez chegar até o fim.

“Tudo vale a pena se a alma não é pequena”  
(Fernando Pessoa)

## RESUMO

Esta monografia tem o intuito de analisar a construção do personagem negro Amaro no romance naturalista o *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, enfocando as diversas atitudes de preconceito que a narrativa demonstra. Para isso, foi apresentado o contexto histórico e cultural do século XIX, em que se passa obra; conceituado e caracterizado o período literário Realista-Naturalista, que caracteriza a obra; apresentadas as influências teóricas desse período (evolucionismo e positivismo); e conceituado os elementos que compreendem uma narrativa. Como suporte teórico, além da obra *Bom-Crioulo*, foi utilizada *História Concisa da Literatura Brasileira*, de Alfredo Bosi (2005), *A formação da literatura no Brasil*, de Afrânio Coutinho (1980), e *Como analisar narrativas*, de Cândida Vilares Gancho (2002). A partir da análise foram observadas as marcas do preconceito racial sobre o personagem negro Amaro, bem como o efeito disso para a construção de sua identidade, uma forma de refletirmos, por meio do passado, o nosso presente.

Palavras-chaves: Literatura, Preconceito, Relação étnico-racial, Identidade.

## ABSTRACT

This monograph has the aim to analyse the construction of the black character “Amaro” in the naturalistic novel “O Bom Crioulo”, of Adolfo Caminha, focusing the various attitudes of prejudice that this narrative shows. For this purpose, the historical and cultural context of the XIX century was presented. The Realistic-Naturalistic period that characterizes this novel is featured. The theoretical influences of this period (Evolutionism and Positivism) are shown and define the element that composes the narrative. As theoretical support, besides the “O Bom Crioulo” novel, the literary work “Historia Concisa da Literatura Brasileira” from Alfredo Bosi (2005) “A formação da Literatura no Brasil” from Afrânio Coutinho (1980) and ), e “Como analisar narrativas” de Cândida Vilares Gancho (2002) was used. From the analysis, the signs of the racial prejudice over the black character Amaro were observed, as well as the effect of these signs for the construction of his identity. A way to think over the past, about our present time.

Keywords: Literature. Preconception, Ethnic-racial relationship, Identity.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DO SÉCULO XIX.....</b>	<b>10</b>
<b>3 REALISMO-NATURALISMO E APORTES LITERÁRIOS DA ÉPOCA.....</b>	<b>12</b>
3.1 O NEGRO NA LITERATURA REALISTA-NATURALISTA .....	15
<b>4 ANÁLISE DO <i>BOM-CRIOULO</i> – OBRA E PERSONAGEM.....</b>	<b>18</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>29</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>31</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o intuito de analisar a construção do personagem Amaro no romance naturalista o *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, tendo como base o contexto histórico da época.

A escolha desta pesquisa justifica-se devido a Lei n. 10.639/2003 (no anexo), que tornou obrigatório o ensino das relações étnico-raciais nas escolas. Sabendo que o livro *Bom-crioulo* é utilizado no ensino de Língua Portuguesa e que ele tem como protagonista um negro, a análise de como este personagem é construído na obra faz necessária a fim de não silenciar o racismo existente na sociedade brasileira passada e, por que não, atual.

Amaro é um escravo fugido que decidiu abandonar o ambiente de miséria, indo à busca de outros objetivos para sua vida. Por meio do enredo da obra podemos refletir sobre algumas questões: como as doutrinas filosóficas (darwinista e positivista) foram experimentadas nessa obra? Essas teorias degeneram a vida das pessoas naquele momento, isso é refletido na obra? Os momentos históricos, pós-abolicionismo, também influenciaram no comportamento das pessoas da época? As respostas para esses questionamentos podem ser observados na construção do personagem Amaro. Elas são as culpadas pela formação da sua personalidade e pela situação de pobreza/miséria em que viveu. Ou seja, tudo isso determinou que a sua raça o impedisse de obter uma melhor ascensão social.

Assim, por meio deste trabalho será possível mostrar os pontos relevantes da obra relacionados ao personagem Amaro: a construção da sua identidade no período escravocrata, sua origem e os enlaces negativos atribuídos ao personagem por ser negro.

Para análise da construção do personagem serão usados como suporte teórico, além da leitura integral da obra *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, referências como: *História Concisa da Literatura Brasileira*, de Alfredo Bosi (2005), *A formação da literatura no Brasil*, de Afrânio Coutinho (1980), *Como analisar narrativas*, de Cândida Vilares Gancho (2002), entre outras.

Além disso, para chegar ao objetivo proposto deste trabalho, será apresentado o contexto histórico e cultural do século XIX, visto que esse é o tempo cronológico da obra *Bom-crioulo*. No capítulo "Realismo e Naturalismo e aportes



literários do século XIX” será conceituado e caracterizado o período literário em que a obra foi escrita e apresentadas as influências teóricas desse período, pois estes contribuirão para entender a caracterização/construção do personagem. É também neste capítulo que será apresentado um breve estudo sobre os personagens negros das obras literárias pertencentes ao Realismo-Naturalismo, a fim de mostrar como eles eram tratados/caracterizados nessa época. Após, segue o capítulo da análise, com alguns conceitos dos elementos que compreendem uma narrativa, bem como com a análise do personagem Amaro, em que será tratada a relação étnico-racial da época. Por fim, apresentarei as considerações finais a respeito da construção do personagem negro Amaro a partir do quadro teórico selecionado.

## 2 CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DO SÉCULO XIX

Na segunda metade do século XIX, a Revolução Francesa já se encontrava consolidada e a burguesia fortalecida enquanto classe social vitoriosa. Assim, esta passa a assumir sua nova condição de classe dominante, tendo como mitos a ciência e a razão. O romantismo vai saindo de destaque para que a concepção científica e materialista entre em vigor. É esse espírito científico, considerado como critério na concepção e análise da vida real, que perpetuará nas novas maneiras de pensar e viver.

Nessa época, o homem deslumbra-se com as descobertas científicas, as máquinas começam a fazer parte do nosso meio e a sociedade sofre com as transformações ocasionadas pela industrialização e pelos novos trabalhadores que viviam desta atividade. Esse quadro histórico-cultural, predominante, sobretudo entre 1870 e 1890, favoreceu o surgimento de teses revolucionárias no Brasil, cada vez mais permeável ao pensamento europeu que na época girava em torno da filosofia positivista e do evolucionismo. Dois foram os grandes centros irradiadores dessas ideias: as escolas fundadas em 1827, de São Paulo e Olinda, sendo esta transferida para Recife em 1854; e a Escola de Recife, da qual Adolfo Caminha fazia parte e que foi um vigoroso centro de agitação intelectual.

O Realismo-Naturalismo, estilos predominantes deste período, fazem parte desse espírito científico, em que encontramos a exatidão e a minúcia no ato de descrever. Nesse momento histórico, o artista buscava nivelar sua atitude a do cientista, daí surge a objetividade na forma textual da narrativa, sem idealizar a realidade, e o intuito de denúncia e combate, uma vez que os romances focarão os desequilíbrios sociais, tornando-se uma “arte engajada”.

A tendência literária do Realismo, o Naturalismo seguirá as novas teorias, como o Evolucionismo, de Charles Darwin, e as filosofias, como o Positivismo, que traz uma visão pessimista em relação à vida e ao próprio homem. Entende-se neste momento que só o que é visto, comprado e questionado seja verdadeiro. A religiosidade é deixada em segundo plano nos meios intelectuais e o homem passa a ser visto dentro de um grupo.

Segundo *História Concisa da Literatura Brasileira*, de Alfredo Bosi (2005), o Naturalismo teve grande duração no Brasil e consistiu em um processo literário que

buscava uma transformação da atitude realista. A meta dos grandes escritores deste período, e dessa tendência, era reproduzir artisticamente a realidade, o mundo material e o homem dentro desta sociedade, fruto do seu ambiente.

A partir da precisão da observação e de detalhes aparentemente insignificantes, foram criados personagens e ambientes como retratos fieis da realidade, fornecendo uma interpretação da vida. Um exemplo dessas obras, é o romance *Bom-Crioulo, corpus* da minha análise, que chocou a sociedade, tanto pelo seu tema como pelas cenas que retratam a realidade. Temos aqui o homem envolvido por um ambiente e interagindo com ele, vivendo em locais reclusos frente a sociedade escravocrata e aristocrática da época.

Assim, é esse contexto que serviu de base para as doutrinas realista e naturalista, logo para as obras que foram escritas com o objetivo de promulgá-las em arte.

### 3 REALISMO-NATURALISMO E APORTES LITERÁRIOS DA ÉPOCA

A obra que inicia o movimento literário Realista é o romance de Gustave Flaubert, *Madame Bovary* (1857), que traz uma análise da hipocrisia romântica e burguesa da época. Esse romance demonstra claramente os objetivos do romance realista, com análise social e crítica, mostrando a vida urbana e contemporânea de uma época. Dez anos depois, a publicação da obra de Émile Zola, *Thérèse Raquin*, dá início ao Naturalismo, tendência literária do Realismo.

No Brasil, como os escritores receberam influência dos franceses, os dois movimentos não surgiram tão espaçados, mas bem próximos. O Realismo tem como marco a publicação, em 1880, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e o Naturalismo, a publicação, em 1881, um ano depois, de *O mulato*, de Aluísio de Azevedo, obra contendo as mais elevadas expressões da nossa ficção, além da fase estritamente naturalista, e desenvolvendo vigor novo à literatura.

O Realismo trouxe à literatura a pintura verdadeira da vida dos humildes e dos homens comuns, que estão habitualmente em torno de nós, vivendo uma vida de muitos opostos: bem e mal, beleza e feiura, rudeza e requinte, sem receio do trivial e do monótono. Segundo Coutinho (1980. p.185), a palavra “realista”

deriva de real, oriundo do adjetivo do baixo latim *realis*, *reale*, por sua vez derivado de *res*, coisa ou fato. Real+ismo (sufixo denotativo de partido, seita, crença, gênero, escola, profissão, vício, estado, condição, moléstia, porção) é palavra que indica a preferência pelos fatos e a tendência a encarar as coisas tais como na realidade são. Em literatura, Realismo opõem-se habitualmente a idealismo (e a Romantismo) em virtude da sua opção pela realidade tal como é e não como deve ser.

Quanto ao Naturalismo, tendência do Realismo, acrescentam-se certos elementos que o distingue e o torna inconfundível. Essa tendência não é apenas um exagero ou uma simples forma reforçada do Realismo, ela seria o Realismo fortalecido por uma teoria de cunho científico, uma visão materialista do homem, da vida e da sociedade. Segundo Coutinho (1980, p.188),

A palavra Naturalismo é formada por *natural+ismo*, e significa, em filosofia, a doutrina para qual na realidade nada tem um significado supernatural e, portanto, as leis científicas, e não as concepções teológicas da natureza, é que possuem explicações válidas; em literatura, é a teoria de que a arte deve conformar-se com a natureza, utilizando-se dos métodos científicos de observação e experimentação no tratamento dos fatos e das personagens.

O autor naturalista, com sua preocupação científica, era influenciado por Hypolite Taine, que afirmava que o comportamento humano era condicionado pelas influências de raça, de contexto histórico e de meio ambiente. E mesmo por Claude Bernard, que publicou em 1965 o livro *Introdução ao estudo da medicina experimental*, declarando haver interesses amplos e universais, pois nada é desprovido de importância e significado, como nada que esteja na natureza é indigno da literatura.

Essa fidelidade a todos os acontecimentos conduzem o naturalista ao amoralismo, à indiferença, não dando importância à opinião sobre os fatos, mas aos atos em si. Esta atitude permite a escrita de todos os assuntos e atividades do homem, inclusive sobre os aspectos irrelevantes e repulsivos da vida, dando preferência à descrição/narração sobre os mais pobres da sociedade. Assim, há uma tendência, por parte do autor naturalista, em investigar rigorosamente o anormal, o excepcional. Dessa tendência, resulta a ênfase em atitudes instintivas dos personagens: o homem é visto como o animal condicionado por forças que determinam o seu comportamento. Por isso os personagens dos romances naturalistas possuem um comportamento em que os instintos se sobressaem sobre determinadas condições do ambiente em que vivem. A herança genética, física e psicológica dos personagens conduzem suas ações; seu interior (sentimento) é reduzido a quase nada, uma vez que o escritor utiliza métodos científicos de observação e análise. Enquanto o drama vivido pelos personagens realistas tem origem moral ou decorre de algum problema social, a origem dos dramas dos personagens naturalistas é em decorrência às heranças biológicas. No romance naturalista temos uma forte análise social a partir de grupos humanos marginalizados e a valorização do coletivo. Essa tendência apresenta um romance experimental em que o ser humano é um animal - antes de usar a razão deixa-se levar pelos instintos naturais, não podendo ser reprimido em suas manifestações instintivas, como sexo, características, estas, relacionadas a duas teorias: evolucionista e positivista.

Em 1859, Darwin publica "*A Origem das espécies*". Nessa obra, a evolução das espécies é considerada como resultado do mecanismo de seleção natural. A ideia básica de tal mecanismo condiciona todos os seres, deixando sobreviver os mais fortes, eliminando os mais fracos. O homem, inclusive, seria determinado por circunstâncias externas. Essa concepção seria responsável por grandes mudanças

no campo científico, repercutindo na economia, filosofia e política. Segundo Darwin, uma espécie de indivíduos diferencia-se dos outros e isto causa uma competição, pois apenas os mais adaptados deixarão mais descendentes. No entanto, essa teoria teve que ser complementada com outros estudos dos evolucionistas do século XX, para que se tornasse concreta.

Assim, por meio desses estudos evolucionistas é criada a tese de que o meio ambiente tem como intuito fazer os seres se adaptarem a novos meios, tornando essa característica hereditária. O evolucionismo, que também pode ser chamado como teoria da evolução, conclui que as espécies animais e vegetais que existem no planeta são mutáveis, pois sofrem gradualmente modificações ao longo do tempo, portanto essa evolução inclui o surgimento de raças e espécies novas.

Já o positivismo, corrente filosófica criada por Augusto Comte, ocupando a segunda metade do século XIX, apropria-se da filosofia em seu sentido amplo, utilizando as teorias de Aristóteles sobre o sistema geral do conhecimento dos indivíduos, e determina o termo positivo como o preciso frente ao incerto. Comte fez uma seleção entre filosofia e ciências naturais, pois para ele as ciências naturais estudam o ser no seu habitat. Esta filosofia faria apenas uma reflexão sobre o significado em um trabalho científico, uma interpretação das normas e métodos usados para a ciência e um teste dos resultados positivos. Neste método das ciências naturais, temos uma nova visão de mundo, que se concentra nos fatos, rejeitando qualquer explicação metafísica para a atuação do homem no mundo, e a propagação da ideia de que apenas o progresso material já seria suficiente para neutralizar os desequilíbrios sociais.

Baseado nas ideias de Comte, o filósofo Hypolite Taine expõe a teoria determinista, defendendo a lei de que o homem é o produto do meio - tese central do movimento Naturalista. O indivíduo não passa de uma projeção do seu cenário, com o qual se confunde e do qual não consegue escapar. Então a existência do meio modifica o homem. Além disso, essa teoria ressalta a condição psicológica, em que, de acordo com Taine, todas as coisas são dotadas de resíduos da consciência. O homem seria a manifestação da natureza movida de inteligência, tendo plena liberdade para pensar, agir e viver.

Portanto, sabendo que um escritor tira da realidade o material para sua ficção, a partir da observação e vivência, a tendência literária Naturalista também foi

transferida para a ficção, desenvolvendo-se, assim, na história e nos personagens de *Bom-crioulo*.

### 3.1 O NEGRO NA LITERATURA REALISTA-NATURALISTA

De acordo com o texto *Desigualdades no plano simbólico* (SILVA, 2014), a literatura, até os anos 1980, trouxe o personagem negro marginalizado, como escravo ou inferiorizado, sem características heroicas. Isto pode ser observado em várias literaturas e vários autores no decorrer do universo literário.

Segundo Duarte (2003, p.146), além dessa opacidade de personagens negros na literatura brasileira, temos a falta de autores negros, o que não perfaz uma literatura “branca”, mas perdura nesse espaço um discurso que deixa de fora vozes de negros.

Examinados os manuais – componente significativo dos mecanismos estabelecidos de canonização literária –, verifica-se a quase completa ausência de autores negros, fato que não apenas configura nossa literatura como *branca*, mas aponta igualmente para critérios críticos pautados por um formalismo de base eurocêntrica que deixa de fora experiências e vozes dissonantes, sob o argumento de não se enquadrarem em determinados padrões de qualidade ou estilos de época. (DUARTE, 2003, p.146).

Assim, observa-se que o percurso desenvolvido pelo negro na literatura sempre foi marcado por um distanciamento e preconceito, pois ele sempre aparece de modo marginalizado e com caráter inferior, sempre dominado pelo branco e rejeitado pela sociedade. É o que pode ser visto em obras do período Realista-Naturalista.

No romance *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, de 1890, que denuncia a exploração e as péssimas condições de vida dos moradores dos cortiços cariocas do final do século XIX, os personagens negros são vilões e não protagonistas, como o caso de Firmino e Bertoleza. Já em *Mulato*, também de Aluísio de Azevedo, publicado em 1881, escrito às vésperas da abolição, é mostrado o personagem negro Raimundo com certo branqueamento, pois mesmo sendo negro possui olhos claro, e inferior, pois mesmo tendo estudado e se tornado advogado, ainda apresenta sua identidade biológica, filho de escrava com o Senhor feudal. Raimundo

não é um bom partido para namorar Ana Rosa, pois mesmo tendo uma ocupação de destaque na sociedade tem em sua essência biológica sua negritude.

Em *A escrava Isaura*, o escritor Bernardo de Guimarães também promoveu um destino trágico para o negro no mundo dos brancos, apresentando uma versão bastante idealizada e branqueada do negro, pois Isaura possui traços refinados de moça da alta classe, é estudada e possuem muitos atributos, traços bastante idealizados para uma escrava.

Além disso, o personagem negro mostrado no panorama literário brasileiro, na maioria das vezes, demonstra funções inferiores e braçais. Um exemplo é o livro a ser analisado neste trabalho, o romance *Bom-crioulo*, publicado em 1895, considerado a obra mais polêmica escrita por Adolfo Caminha, que choca a sociedade e não sofre das inverosimilhanças de *A normalista*.

O *Bom-crioulo* retrata a vida dos marinheiros durante a segunda metade do século XIX, no Rio de Janeiro. O personagem principal, o mulato Amaro, é bastante coerente em sua passionalidade. Vários episódios do romance também refletem a própria vivência do autor a bordo de navios, registrando a aspereza da vida do mar, da brutalidade dos castigos corporais, já denunciados por Caminha em seu tempo de estudante.

O romance *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, foi o primeiro a retratar a homossexualidade de dois marinheiros, sendo um negro e o outro branco e de olhos azuis. Este relacionamento causou grande escândalo na época, e ainda hoje provoca o leitor, pois enfoca questões de raça, gênero e sexualidade. Segundo Regina Dalcastagnè (2014, p. 1), a temática sobre homossexualismo e crime passional apresenta-se ousado para aquele tempo. Isso devido Amaro, além de ser gay, ser negro e trabalhador braçal, características que, na época, dificilmente era visto como protagonista de obras literárias, mas sim personagem de fundo, apenas como parte de uma diversidade que é reconhecida na sociedade. Ou seja, o centro da cena literária na época, e ainda hoje, permanece sendo ocupada, muitas vezes, por homens e mulheres brancas e heterossexuais, de classe média ou de elite. Por isso o impacto que esta obra causou, e causa, entre o leitor, visto que traz para o ambiente literário um protagonista negro e homossexual.

Em *Bom-crioulo*, observa-se que Amaro, escravo fugido dos cafezais, encontra um trabalho braçal no navio. A descrição do personagem no começo da obra o caracteriza como um negro forte, com bons dentes e músculos definidos, mas



se percebe que ao longo da narrativa estes atributos, que o torna como superior no início da narrativa, vão se deteriorando, passando a ser o personagem cada vez mais inferiorizado, até o ponto de ruir totalmente como um ser cruel e marginalizado.

Portanto, assim como muitas obras em que temos um negro como personagem, o *Bom-crioulo* também traz o estereótipo do escravo/negro, o discurso preconceituoso e a discriminação sofrida por essa raça na época.

Observa-se que o público afrodescendente precisa se identificar com os personagens e, por que não, com os autores. Além disso, o trabalho em sala de aula não só com personagens, mas também com autores negros, traria outro olhar para as análises, visto que neste universo literário, de maioria “branca”, o enfoque literário pode ser visto como um tanto imaginativo e não igualitário, o que nos permite questionar sobre a interpretação dessas obras, visto que temos um olhar branco retratando o negro e não o olhar de um negro retratando outro negro.

#### 4 ANÁLISE DO *BOM-CRIOULO* – OBRA E PERSONAGEM

Literatura é uma manifestação artística que, por meio da palavra, comunica, significa e imita a realidade, tendo, assim, um papel social. Uma obra literária é um conjunto de ideias, imagens, atitudes polêmicas e sentimentais a respeito da realidade, reorganizadas a partir da forma de representação ficcional.

Dentre o conjunto de obras literárias existentes, temos vários gêneros: conto, poema, crônica, novela, romance. Para o nosso trabalho, destaco o romance, que, como forma literária, se caracteriza por ser uma composição em prosa, do tipo textual narrativo.

Segundo Hermínio Sargentim (2012, p. 139), narração é um modo de organização de texto cujo conteúdo está vinculado, em geral, às ações ou aos acontecimentos contados por um narrador. Assim, para construir esse tipo de texto, é preciso explorar os elementos da narrativa, como: enredo, personagem, tempo, espaço, narrador e foco narrativo. Para isso, me basearei nos conceitos da pesquisadora Gancho (2002).

Segundo Gancho (2002), enredo seria o conjunto dos fatos de uma história ficcional, com sua estrutura e desenrolar. Todo enredo possui um conflito que cria a tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção. E esse conflito possui uma estrutura própria, composta pelo (a): *exposição*, que consiste na introdução, em que são apresentados os personagens, os fatos iniciais, o tempo e o espaço, situando o leitor; *complicação*, onde se desenvolvem o conflito; *clímax*, em que temos o ápice da narrativa, o momento de maior tensão; *desfecho*, em que temos a solução do conflito.

Em relação ao personagem, a autora o define como um ser fictício que participa da narrativa, tendo suas atribuições dentro do texto. O personagem pode ser classificado em *protagonista*, que seria o personagem principal, herói (característica superior ao grupo) ou anti-herói (não tem característica superior, mas se destaca entre os outros); *antagonista*, personagem que se opõe ao protagonista; e *personagens secundários*, os de menos importância na história.

Assim, analisando o romance *Bom-crioulo*, temos como enredo a história de dois marinheiros, protagonistas da história: Amaro, apelidado de Bom-crioulo, negro alto, corpulento, musculoso; e outro denominado Aleixo, um lindo marinheiro de

olhos azuis. Os dois solitários a bordo de um navio acabam se afeiçoando e tendo um relacionamento homossexual. Quando desembarcam na cidade do Rio de Janeiro, vivem seus encontros em um quarto alugado por uma portuguesa, ex-prostituta, antagonista da história, chamada de D. Carolina. No entanto, seus encontros são interrompidos porque Amaro tem o dever de voltar ao mar. Devido a esta ausência, D. Carolina, passa a seduzir Aleixo. Depois de ser brutalmente castigado no "couraçado", o novo navio em que serve, pois se envolvera numa briga, Amaro é internado em um hospital, onde fica um longo tempo e descobre, por meio de um colega da antiga caravela em que servia que Aleixo está de caso com uma rapariga. Tomado por um ciúme animal, Amaro resolve fugir e vingar-se da traição.

O clímax da narrativa ocorre quando Amaro descobre que Aleixo passa a ter uma relação amorosa com uma mulher. Aleixo, longe do domínio do negro, é conquistado pela portuguesa, e torna-se amante de D. Carolina. Amaro, longe de seu amante, passa a perder o controle sobre a própria vida. Seu corpo antes forte e vigoroso passa a se tornar fraco, frágil, devido ao sofrimento de amor. Após uma briga, seguida de punição no navio, é hospitalizado por algum tempo. Durante esta permanência no hospital fica sabendo que Aleixo vive com uma mulher. Com ciúmes e sentindo-se abandonado, Amaro foge do hospital e assassina Aleixo. Cabe destacar, que com o decorrer da história o protagonista Amaro, com característica de anti-herói, passa a ser antagonista, quando assassina Aleixo cruelmente.

Além disso, destaque, ainda em relação ao enredo, a originalidade de *Bom-crioulo* manifesta-se no triângulo amoroso sobre o qual se sustenta. Adolfo Caminha colhe de sua experiência como oficial da marinha o material do romance e manifesta na estrutura do triângulo amoroso, bem como nos componentes deste a lei da verossimilhança. Tradicionalmente, um triângulo amoroso é composto por dois homens em luta por uma mulher, ou duas mulheres que disputam o mesmo homem. Em *Bom-crioulo*, temos o casal de marinheiro Amaro e Aleixo. Como tais, comportam-se favorecendo a anulação das diferenças étnicas, que se dá não pela ascensão do negro fugido, mas pelo rebaixamento de ambos à condição de prisioneiros do mesmo sistema. O terceiro do triângulo desse romance é uma mulher, que atua como homem, pois conquista Aleixo em vez de ser conquistada. Observa-se que o triângulo altera substancialmente a função dos participantes, mas respeita as leis de verossimilhança. Ou seja, o incomum reside na novidade do triângulo e não em sua falta de veracidade.

Ainda segundo Gancho (2002), o narrador, elemento estruturador da narrativa, seria a voz que faz parte do universo da narração, sendo o intermediário entre o texto e o leitor; é por meio dele que temos o foco da narrativa. Este seria a posição/perspectiva da narrativa, que pode ser em: *1ª pessoa*, com um narrador-personagem, aquele que participa da história como personagem e a narra do seu ponto de vista; e *3ª pessoa*, que não participa da narrativa, somente observa e relata os fatos, podendo ser onisciente e onipresente (que conhece bem a história e está presente em todo o lugar) e também falar com o leitor, fazendo comentários e dando sua opinião.

Observa-se que as inúmeras descrições que aparecem no romance, condizentes com a estética naturalista que privilegia a observação minuciosa dos fatos, são feitas por um narrador onisciente em terceira pessoa, que busca não se confundir com a história, nem com os personagens. Este narrador toma certa “distância” e utiliza as características da escola naturalista, como exatidão na descrição e minúcia ao fato, contando a história de modo linear, gradativo, com uma linguagem clara e direta. O que será importante para ele são os fatos narrados e não a opinião que se pode ter sobre eles, não havendo, assim, qualquer julgamento moral das personagens.

Em relação ao tempo da narrativa, este, segundo Gancho (2002) pode ser dividido em *cronológico*, tempo linear, medido e contado pelas horas, meses ou anos, de acordo com a ordem dos acontecimentos; e *psicológico*, tempo não linear, que corresponde ao tempo do mundo interior do personagem, medido pelas emoções, pela maneira como é vivenciado. Já o espaço, seriam os lugares onde passa a ação da narrativa, que são descritos na obra para situar as ações dos personagens.

Em *Bom-crioulo* observa-se que a história se passa em dois espaços: no mar, a bordo de uma corveta, e na Rua da Misericórdia, localizada nos subúrbios do Rio de Janeiro, nos fins do século XIX. Os dois lugares são descritos negativamente, sendo ressaltada a miséria daqueles que ali vivem. A preferência pelas pessoas das camadas mais baixas da sociedade é devido a possibilidade de analisar o que há de mais instintivo e bestial nesses personagens, cujas vidas, sem perspectivas, limitam-se a atos como comer, dormir e procriar.

A abertura do romance faz-se com uma detalhada descrição da corveta, local inicial da ação, este fato descritivo é comum nas obras realistas naturalistas, o

narrador fornece um grande painel informativo do local e da paisagem para que o leitor visualize o cenário.

Verifica-se também que o tempo da narrativa é cronológico e linear, pois tudo vai se passando dia após dia, como uma contagem paulatinamente temporal. Percebem-se apenas alguns poucos momentos em que há o efeito *flashback*, onde o leitor faz uma imagem mental das descrições feitas pelo narrador. Um exemplo é quando, no segundo capítulo da narrativa, é comentado sobre a abolição, pois mesmo esta, no contexto histórico da obra, estando encaminhando para um desfecho, na prática ainda não tinha sido concretizada. Para abordar esse fato, foi utilizado o *flashback*, que leva o leitor para fatos do passado do personagem Amaro: desde sua época de escravo até como ele apareceu na corveta.

Além da análise dos elementos da narrativa, que nos permite ter uma visão estrutural da obra, faz-se necessário, para verificar a construção do personagem Amaro, analisar como é tratada a relação étnico-racial na obra.

Segundo o estilo Naturalista, o comportamento humano é determinado por forças biológicas, como o instinto e a herança genética, sociológica e ambiental, incluindo o meio social e os fatores históricos. Assim, observa-se que o romance *Bom-crioulo* é permeado destas características, como no trecho em que Aleixo utiliza para se referir a Amaro: "... cheio de nojo por aquele animal com formas de homem, que se dizia seu amigo unicamente para o gozar" (CAMINHA, 2005, p. 71).

Além das forças biológicas, observam-se comportamentos sociológicos ambientais - as causas dos problemas são fatores naturais, como o meio ambiente e a raça. Estes comportamentos se expressam no romance de forma clara e evidente, além do preconceito racial, desenvolvendo a teoria de que o personagem não poderá exercer uma posição de destaque devido a sua raça, conduzindo, assim, o personagem ao destino que lhe pertence, como no trecho em que o personagem secundário, o tenente Sousa, estranha os modos de Amaro: "[...] Breve temo-lo aqui, bêbedo e medonho. Sempre o conheci refratário a toda norma de viver. Hoje manso como um cordeiro, amanhã tempestuoso como uma fera. Cousas de caráter africano..." (CAMINHA, 2005, p. 47).

O protagonista Amaro, negro e escravo fugido, não tinha chances de obter uma promoção na Marinha, ocupando somente cargos em que a força física era a exigência. Condenado por sua raça, Amaro vivia em um meio miserável, primeiro na caravela onde servia que se apresentava como um ambiente de miséria, sem

nenhuma qualidade de vida; depois em terra, em lugares baixos, vis e nojentos, povoados por pessoas sem escrúpulos, prostitutas e mendigos.

Amaro conhece Aleixo quando este embarca no navio. Logo os dois iniciam um relacionamento, porém se verifica que Aleixo cede aos caprichos do negro porque precisa de alguém que o proteja, ou seja, Aleixo cede a Amaro não por amor, mas com a intenção de conseguir proteção. Tanto é isso, que quando Aleixo encontra uma maneira de dar fim a este romance, o faz, e logo começa a se envolver com D. Carolina, vendo nela uma maneira de poder se dar bem na vida. Cabe destacar que o relacionamento homossexual é retratado no livro como outro qualquer, mas o personagem Aleixo é sempre descrito como "feminino", com formas delicadas: "Achava uma graça infinita aquele pedacinho de homem vestido de marinheiro, alvo e loiro, sempre muito bem penteado, o cabelo sedoso, os borzeguins lustrosos, todo ele cheirando a essência, como uma rapariga que se vai fazendo mulher..." (CAMINHA, 2005, p. 49).

Através de símiles, podemos observar o zoomorfismo, onde o homem é comparado a animais, guiado por instintos. Sempre comparando o homem com um animal, o romance segue a risca este pensamento. Amaro domina Aleixo em quase todo o livro, demonstrando que o mais forte domina o mais fraco; e assim ocorre em toda obra. Outro fator, é que os personagens são movidos por instintos incontroláveis, que regem suas vidas, como animais que agem por instintos, quando encurralados, atacados. O homem é comparado ao animal em suas ações, prevalecendo o instinto sexual à razão. Na obra, em um momento de punição em que o marinheiro vai aplicar a chibata, podemos ver a associação do homem a um animal: "Era um respeito profundo chegando às raias da sobrevivência animal que se agacha para receber o castigo, justo ou injusto, seja ele qual for" (CAMINHA, 2005, p. 13). Em outro trecho, temos a comparação de Amaro a um animal: "Um animal inteiro é o que ele era!" (CAMINHA, 2005, p. 25)

O estudo de tipos é preferência da escola Realista-Naturalista que enxerga o ser humano como um objeto de análise. Assim, observa-se a descrição minuciosa da figura do comandante e, logo a seguir, a enumeração de atributos físicos e de caráter.

Por fim apareceu o comandante abotoando a luva branca de camurça, teso na sua farda nova, o ar autoritário, solta a espada num abandono elegante, as dragonas tremulando sobre os ombros em cachos de ouro, todo ele comunicando respeito. (CAMINHA, 2005 p. 13).

Observa-se, também, a comparação do negro com os marinheiros, que eram subservientes e obrigados a obedecer, e caso não seguissem as regras descritas eram utilizados meios de castigos como punição, ou seja, aparentemente não havia distinção de raça no navio, todos recebiam castigos iguais, visto que este era o “único meio de se fazer marinheiro” (CAMINHA, 2005, p. 15).

No entanto, no primeiro capítulo, notamos que existe uma separação de classes entre os marinheiros: o personagem Sant’Ana, moreno cor de jenipapo é classificado como de terceira classe, enquanto Amaro seria de primeira classe, devido às formas físicas. É neste momento, que o protagonista desta narrativa é apresentado. Observa-se que o narrador o descreve fisicamente com características positivas, destacando sua força:

[...] latagão de negro, muito alto e corpulento, figura colossal de cafre, desafiando, com um formidável sistema de músculos, a morbidez patológica de toda uma geração cadente e enervada, e cuja presença ali, naquela ocasião, despertava grande interesse e vivia curiosidade: era o Amaro, gajeiro de proa, - o Bom-Crioulo na gíria de bordo. (CAMINHA, p. 18)

Cabe destacar aqui que, entre os elogios, encontramos neste trecho um discurso preconceituoso sobre a raça negra e os escravos. Quando o narrador diz que Amaro desafiava “a morbidez patológica de toda uma geração cadente e enervada”, subtendemos que Bom-crioulo se destacava mesmo sendo negro (tendo uma doença patológica) e mesmo fazendo parte do grupo de escravos (de uma geração que estava em declínio/diminuição).

Esse discurso negativo, com o passar da narrativa, fica mais direto e perceptível. No início do capítulo cinco, temos a descrição do personagem Amaro de forma negativa e bastante pejorativa. Além disso, sua maneira de agir e de se comportar passa a ser relacionada à sua raça: “- [...] Breve temo-lo aqui, bêbedo e medonho. Sempre o conheci refratário a toda norma de viver. Hoje manso como um cordeiro, amanhã tempestuoso como uma fera. Cousas de caráter africano...” (CAMINHA, 2005, p. 47).

Também se observa na obra que, segundo o narrador, todos os que se encontravam no barco possuíam as mesmas regalias - um aspecto duvidoso, pois ainda se mantinham certos preceitos da escravatura.

[...] aquele cenário gravara-se lhe na retina para toda a existência; nunca mais o havia de esquecer, ó, nunca mais! Ele, o escravo, “o negro fugido”

sentia-se verdadeiramente homem, igual aos outros homens, feliz de o ser, grande como a natureza, em toda pujança viril da sua mocidade[...]" (CAMINHA, 2005, p. 22).

No entanto, este fato muda conforme a narrativa se desenvolve. Em um momento o personagem percebe que a liberdade é na verdade mascarada. Isto é visto quando Bom-crioulo reclama do serviço que é obrigado a executar: “[...] porque marinheiro e negro cativo, afinal de contas, vêm a ser a mesma coisa” (CAMINHA, 2005, p. 52).

Outra questão também tratada na obra é a superioridade do branco sobre o negro. Em um trecho da obra o próprio personagem faz uma análise de seu comportamento em relação aos outros (brancos). Para Bom-Crioulo, para ser respeitado e visto com bons olhos ele necessitava se portar como gente, ou seja, como uma pessoa branca: “[...] a questão era andar direitinho, 'portar-se como gente’” (CAMINHA, 2005, p. 50).

Em relação a Aleixo, personagem branco que embarcou na corveta em Santa Catarina e teve um relacionamento homossexual com Amaro, por meio da obra é possível observar que inicialmente Aleixo cede aos caprichos de Amaro porque este, por ser corpulento e temido, lhe passava certa segurança e fazia com que os demais tripulantes o respeitassem. Porém, ao estar em terra com seu companheiro, ele não vê mais serventia nesse relacionamento. Assim, a partir do capítulo nove, segundo o narrador, Aleixo, insatisfeito com a situação em que vive, passa a se ver como escravo de Amaro: “[...] Aleixo não queria saber dele, odiava-o, porque ali é que se tinha feito escravo de Bom-Crioulo, ali é que 'tinha perdido a vergonha'. [...]” (CAMINHA, 2005, p. 82). Isto pode ter acontecido devido a Amaro possuir um sentimento de posse sobre Aleixo. Para Amaro, Aleixo era sua propriedade, algo inviolável e que não poderia ser de mais ninguém a não ser dele, como descrito neste trecho: “[...] ele que era todo seu, que lhe pertencia como seu próprio coração [...]” (CAMINHA, 2005, p. 93).

No decorrer da narrativa, após Aleixo ficar sozinho em terra no Rio de Janeiro, percebe-se que os comentários sobre o personagem Amaro passam a ser sempre relacionados à cor da sua pele e à associação a pessoas imorais, vagabundas, etc., bem comum ao preconceito vivido pelos negros na época da escrita do livro. Um outro exemplo dessa associação do negro com estereótipos negativos é visto quando D. Carolina faz comentários sobre o personagem Amaro, quando este tenta avisar Aleixo do seu sumiço, por não ter aparecido mais no



quartinho para o encontrar. Amaro manda um bilhete e este é escondido pela D. Carolina, que não faz chegar a Aleixo e ainda profere discursos negativos sobre Amaro: “[...] E logo um negro, Senhor Bom-Jesus, logo um crioulo imoral e repugnante daquele!” (CAMINHA, p. 84).

Vemos, também, em outro trecho, o discurso de que a raça negra não pertence a Deus, mas sim ao diabo: “[...] negro é raça do diabo, raça maldita, que não sabe perdoar, que não sabe esquecer...” (CAMINHA, 2005, p. 85). Novamente aqui o discurso preconceituoso da época.

Ao final da narrativa, quando Aleixo deixa Amaro, também podemos associar essa decisão ao preconceito, pois Aleixo sendo branco não se sentia bem em ter que obedecer aos caprichos de um negro. Se no início da narrativa Aleixo cedera aos caprichos de Amaro, isso ocorreu porque Aleixo necessitava de proteção, algo que Amaro conseguia por ser forte, causando medo e respeito. No entanto, após Aleixo estar em terra e ter conhecido D. Carolina, este tentou se desvencilhar do negro, bem como se dar bem na vida, o que para ele não seria possível com Amaro. Assim, em um dos trechos vemos que Bom-crioulo, quando descobre que Aleixo o abandonou, chega a suspeitar de que uma das causas é a sua cor, uma visão determinista da obra:

Positivamente não se conformava com a ideia de que o Aleixo o abandonara por *outro*... E quem seria esse *outro*? Algum marinheiro também, decerto, algum “primeira classe”... Era muita ingratidão, muita baixaza! Abandoná-lo, por quê? Porque era negro, por que fora escravo? Tão bom era ele quanto o imperador!... (CAMINHA, 2005, p. 89-90).

Por fim, observa-se que ao final da narrativa o negro, que antes era visto como um homem forte, de exuberância corpulenta, passa a ser o “escravo”, o “negro”, o “outro”. Isto pode ser visto na cena em que Amaro mata Aleixo. Quando acontece o assassinato, o negro passa a não ter nenhum valor, passa a ser qualquer um meio a multidão de curiosos. “Ninguém se importava com “o outro”, com o negro, que lá ia, rua abaixo, triste e desolada, entre as baionetas, à luz quente da manhã: todos, porém, queriam “ver o cadáver”, analisar o ferimento, meter o nariz na chaga...” (CAMINHA, 2005, p. 102).

Observa-se que o personagem Amaro, mesmo sendo o protagonista da obra, não possui características heroicas, mas anti-heroicas. Podemos dizer até mesmo, com o decorrer do texto, que ele se torna o antagonista. Mas uma coisa é certa, Bom-crioulo possui características estereotipadas e marginalizadas, assim como

outros personagens negros da literatura - um reflexo da sociedade da época, em que o branco domina e o negro é discriminado.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito de discutir a questão étnico-racial na educação brasileira, foi criada Lei n. 10.639/2003, que altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira".

Assim, como no ensino de Língua Portuguesa trabalhamos com a literatura, e nesta encontramos opiniões, preconceitos, posições políticas, censuras e outras questões abordadas, é importante a análise de obras que possuem protagonistas negros para que os alunos conheçam como acontecia a relação étnico-racial em outras épocas.

Como apresentado, no século XIX tivemos duas tendências literárias predominantes, o Realismo, que imitava a realidade, e o Naturalismo, que considerava a vida do homem resultado de fatores externos. É neste contexto que busquei analisar os problemas da sociedade brasileira, mais especificamente da questão étnico-racial, por meio do personagem negro Amaro, da obra *Bom-crioulo* de Adolfo Caminha.

A partir da análise de Amaro foi possível verificar as atitudes preconceituosas e embutidas em uma época em que a abolição ainda não tinha sido covalidada, bem como fazer uma reflexão sobre a atualidade, pois mesmo já tendo a abolição da escravatura ainda nos deparamos com diversas situações de preconceito. Podemos dizer que grande parte da população aceita o outro, o diferente, mas ainda não o aceitou de forma totalmente igualitária, apenas convive e tenta respeitar, porque existe certa obrigatoriedade.

A análise aqui apresentada ressalta a face compromissada do escritor, e funciona como sinal de alerta, que atravessa os tempos e continua, no presente, a provocar no leitor a reflexão crítica e a tomada de consciência em relação aos problemas raciais da sociedade brasileira.

Por meio dessa análise pode-se trazer à discussão o fato de termos no ideário desta literatura um narrador branco e heterossexual que assume a voz para demonstrar um ideário de um negro e homossexual. Será que isso contribui com o discurso preconceituoso? Outra questão é a falta de conhecimento por parte de

professores e alunos quanto aos escritores negros que promulgam narrativas destas vertentes (Realista-Naturalista). Cabe destacar aqui a importância, no ensino da literatura, do trabalho com os autores, principalmente os negros, para que os alunos conheçam as vertentes literárias dentro do contexto étnico-racial e analisem as obras por meio da diversidade de olhares.

Além disso, em consonância com a Lei n. 10.639/2003, a discussão da questão étnico-racial no ensino de literatura também pode ser feita por meio de materiais de apoio, como os livros didáticos de Língua Portuguesa - por exemplo, o de William Roberto Cereja, que traz um capítulo com apresentação de autores de origem africana, bem como ressalta livros literários que trazem personagens negros. Uma forma de apresentar/introduzir aos alunos essa temática, para depois indicar leitura de obras, como a *Bom-crioulo*, realizar atividades de pesquisa e seminários, entre outras tarefas que podem contribuir com análise e a discussão da questão étnico-racial.

Assim, por meio de estudos como este, em que o enfoque é o preconceito racial, acredito contribuir com o ensino, visto que por meio das análises, logo da literatura, a questão racial poderá ser discutida e refletida em sala de aula, deixando de ser silenciada.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluísio. **O mulato**. São Paulo: Ed. Martim Claret, 2002.

BRASIL. **Lei Federal nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. Brasília: MEC/SEF, 2003.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 42. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

CAMINHA, Adolfo. **Bom-crioulo**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2005.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Distribuidora de Livros Escolares Ltda., 1980.

DALCASTAGNÉ, R. **Retrato sem parede**: o Bom Crioulo, de Adolfo Caminha. In: X Seminário Internacional de História da Literatura, 2014, Porto Alegre. Anais... Editora da PUC-RS, Porto Alegre, 2014, v. 1. pp. 1-11.

DARWIN, Charles. **A Origem das Espécies**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 1996.

DUARTE, Eduardo de Assis. **O negro na literatura Brasileira**. Navegações, v. 6, n. 2, p. 146-153, jul./dez. 2013.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2002 (Série Princípios). Disponível em: <  
<http://copyfight.me/Acervo/livros/GANCHO,%20Ca%CC%82ndida%20Vilares%20-%20Como%20analisar%20narrativas.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2015.

GUIMARÃES, Bernardo. **A escrava Isaura**. São Paulo: Ed. Martim Claret, 2000.

HOWES, Robert. **“Raça e sexualidade transgressiva em *Bom Crioulo* de Adolfo Caminha”**. *Graphos*, vol. 7, n. 2/1, 2005, pp. 171-190.

VIEIRA, Toni André Scharlau. **Relação Meios de Comunicação e Preconceito Étnico Racial – Desigualdades no Plano Simbólico**. In: SILVA, Paulo Vinícius B. da *et al.* (Org.). Curso de Especialização a Distância em Educação das Relações Étnico-raciais. Curitiba: UFPR, 2014. No prelo.

SARGENTIM. Hermínio G. **Oficina de Escritores**. 1. ed. São Paulo: IBEP, 2012. v. 8.

## **ANEXO**

**Presidência da República**  
**Casa Civil**  
**Subchefia para Assuntos Jurídicos**

**LEI Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.**

Mensagem de veto

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3º (VETADO)"

"Art. 79-A. (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182º da Independência e 115º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque